



POLÍTICA EUROPEIA DE VIZINHANÇA:
PROBLEMAS SOCIAIS

QUESTÕES DE JUSTIÇA

Política Europeia de Vizinhança

ec.europa.eu/world/enp

Comissão Europeia
Direcção-Geral
das Relações Externas
B – 1049 Brussels
enp-info@ec.europa.eu

NF-30-08-042-PT-D

Parceiros no desenvolvimento

Chefchaouen, com as suas bonitas casas brancas e azuis, situa-se nas deslumbrantes montanhas do Rif, em Marrocos. No entanto, esta paisagem relativamente distante e provocante apresenta um grande desafio para as comunidades locais e existe uma pobreza rural generalizada na região.

Com o apoio da UE, está em execução um importante projecto, que abrange centenas de quilómetros quadrados do interior de Chefchaouen, destinado a melhorar os meios de subsistência das populações locais. “O nosso principal objectivo consiste em aumentar os rendimentos e preservar os recursos naturais”, explica Abdelsalam Chriqi, que dirige esta iniciativa.

Um dos muitos projectos desta natureza na região do Magrebe, o programa apoia sistemas agrícolas mais sustentáveis e produtivos, reflorestação, criação de animais, infra-estruturas, cuidados de saúde, desenvolvimento de um parque natural da região, feiras de produtos regionais, etc. “A participação da comunidade local é um pilar essencial das nossas actividades”, salienta Hassan Berhilli, que coordena a gestão dos vários projectos no terreno.

“Trabalhamos no sentido de sensibilizar os agricultores para o facto de o azeite de qualidade também depender das técnicas agrícolas correctas, bem como do armazenamento e transporte adequados”, explica Abdel-Rahman el-Khawaja, que dirige a cooperativa. “Oferecemos-lhes apoio e formação nessas áreas”. A prensa acabou de concluir a sua primeira estação, durante a qual extraiu 40 toneladas de azeite de cerca de 220 toneladas de azeitonas para a maior parte dos seus 70 membros e 250 não membros.

Colmeia de actividade

Graças a este programa, Chefchaouen tornou-se um centro de actividade cooperativa. Acolhe cooperativas para apicultores, pastores de cabras, criadores de coelhos e outros. Uma cooperativa de apicultura produz, durante todo o ano, uma variedade completa de mel de floresta. Dependendo da estação, as abelhas alimentam-se de limoeiros, eucaliptos, tomilhos e alfarrobeiras, produzindo deste modo diferentes sabores de mel.

“A deslocação de colmeias para diferentes zonas da floresta... é uma das maiores inovações que esta cooperativa introduziu. Também nos facilitou a compra de materiais, a introdução de novas técnicas e a comercialização dos nossos produtos”, afirma Azhar el-Azzouzi, um membro da cooperativa. “Desde que começámos a trabalhar com a cooperativa, há seis anos, o nosso rendimento aumentou dez vezes mais”.

A criação de cabras é um dos pilares da economia local. A fim de ajudar os pastores a rentabilizarem ao máximo o seu leite, abriu recentemente uma fábrica da cooperativa para o fabrico de queijo de cabra.

“Estabelecemos esta associação com a participação dos criadores locais”, explica Mohammed Boueissa, que dirige a fábrica. “Também ajudamos os agricultores a melhorar as suas técnicas de criação de cabras e a partilhar experiências e conhecimentos”.

A moderna fábrica compra o leite de cabra aos agricultores a preços superiores aos do mercado e utiliza-o para produzir queijos curados e de pasta mole. A unidade executa controlos de qualidade e de higiene actualizados. “Realizamos análises ao longo de toda a linha de produção”, descreve Zeinab Rati, uma das jovens técnicas laboratoriais da fábrica. Está entusiasmada por ter conseguido encontrar um emprego, o seu primeiro emprego, compatível com as suas qualificações.

Depois de um exaustivo estudo do mercado marroquino de queijo de cabra, a cooperativa distribui actualmente as suas marcas para todo o país.



- Estados-Membros da UE
- Países parceiros da PEV
- Países candidatos à adesão à UE
- Países candidatos potenciais à adesão à UE



Os frutos da cooperação

Mohamed Bouqaydi é um agricultor activo em pequena escala. No seu rude terreno montanhoso, possui oliveiras e alfarrobeiras e cria abelhas e rebanhos de cabras para garantir a sua subsistência.

Bouqaydi está radiante porque abriu em Chefchaouen, na região de Rif, uma nova cooperativa com uma prensa de azeitonas que utiliza tecnologia de ponta. “Temos uma prensa familiar tradicional mas preferimos utilizar a nova porque produz um azeite de melhor qualidade, em maior quantidade e com menos trabalho”, explica.

Com os métodos tradicionais, a proporção entre azeitonas e azeite é de cerca de 14%. Com a nova prensa, aumentou para 21%. Além disso, o azeite resultante é mais consistente e tem muito menos acidez, o que aumenta a sua qualidade. Com a ajuda da cooperativa, que desenvolveu a sua própria rede de distribuição, o azeite de Bouqaydi vale mais de 60% do que anteriormente. “Estou a utilizar o rendimento extra para melhorar a vida da minha família”, declara o pai radiante enquanto afaga o ombro do filho.

A cooperativa financiada pela UE disponibiliza igualmente aos agricultores um leque abrangente de serviços de apoio.



COMISSÃO EUROPEIA
Relações Externas



A maior parte dos cidadãos da União Europeia é a favor de uma cooperação mais estreita com os países vizinhos, de acordo com um inquérito recente. Os cidadãos acreditam que relações mais fortes podem reforçar a paz e a democracia.

É precisamente esta a ideia que defende a Política Europeia de Vizinhança (PEV). Criada em 2003/2004 com o objectivo de aproximar a UE alargada dos nossos vizinhos, a PEV pretende adoptar medidas concretas para apoiar as reformas e aumentar a prosperidade: para melhorar a vida quotidiana das pessoas na nossa vizinhança.

Como funciona? A UE e cada um dos seus vizinhos definem as condições para criar relações mais próximas e apoiar reformas durante um período de três a cinco anos. Os compromissos conjuntos são explicados nos designados Planos de Acção. São disponibilizados conhecimentos técnicos e financiamento (quase 12 mil milhões de euros de 2007 a 2013) através do “Instrumento Europeu de Vizinhança e Parceria” (IEVP) para apoiar a modernização e a reforma.

Ludmila Gvozdk vive com o marido e a família num centro para “deslocados internos” desde o início da década de 1990



Uma sociedade melhor para todos

As sociedades enfrentam desafios criados pela pobreza, falta de educação, marginalização, doença, etc. Os refugiados, os deslocados internos, as crianças desfavorecidas, as comunidades empobrecidas das zonas rurais e urbanas, todos beneficiaram do apoio da UE.

Sentir-se em casa

Enquanto canta uma popular canção sobre Tbilissi, Ketevan assemelha-se a muitas outras crianças de 11 anos felizes e despreocupadas da capital da Geórgia. Todavia, ‘Katie’ viveu toda a sua vida num centro de acolhimento para deslocados internos (PDI – Pessoas Deslocadas Internamente).

A sua família, tal como outras 250 mil pessoas de etnia georgiana, fugiu da violência que despontou na região separatista da Abcázia no início da década de 1990. Muitos milhares continuam a viver em hotéis convertidos, hospitais e mesmo tendas do exército. A guerra de Agosto de 2008 piorou ainda mais a situação.

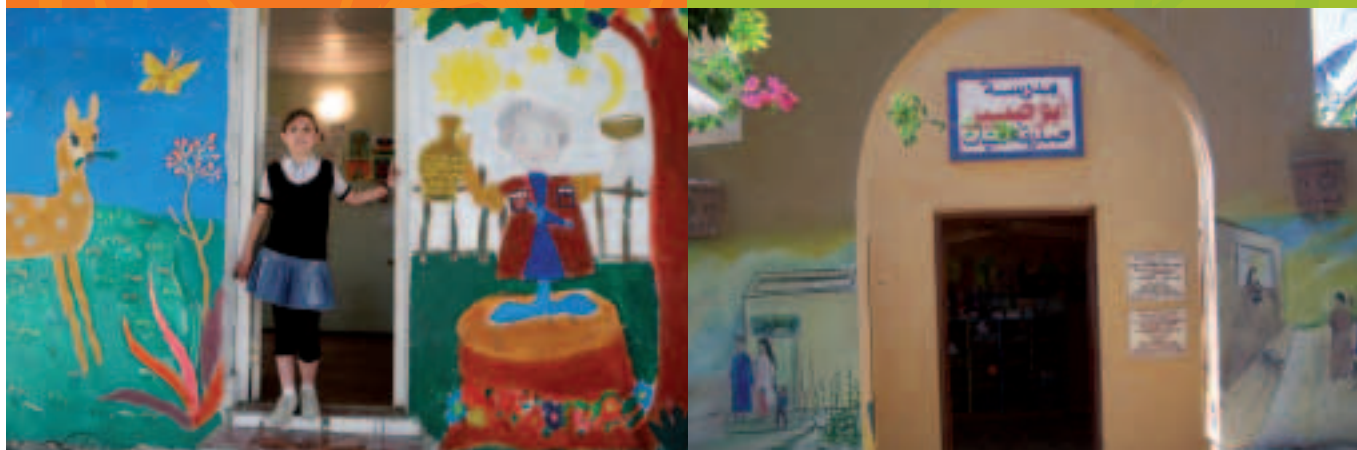
Os seus pais, Irma e Merab, estão determinados a não permitir que esta situação os impeça de viverem uma vida normal. Transformaram mesmo uma divisão da sua modesta casa numa sala de aula onde as crianças do centro podem participar em actividades extracurriculares como, por exemplo, pintura, desenho, canto, dança e informática.

“As crianças adoram vir para aqui depois da escola e aos fins-de-semana”, entusiasma-se Irma, que se ofereceu como voluntária para trabalhar como professora. Um programa apoiado pela UE ajudou-a a equipar a sala de aula.

Criar raízes

O projecto incentiva e ajuda os deslocados internos a encontrarem uma casa digna, proporcionando-lhes acções de sensibilização, informação e apoio jurídico, explica o seu coordenador do Conselho Dinamarquês para os Refugiados (DRC), organismo que ajuda, em especial, os deslocados internos que são ameaçados de expulsão de instalações que estão a ser privatizadas.

Nunu Sanaya – que vive num centro instalado num hospital onde trabalha igualmente como enfermeira – participou em acções de sensibilização e outra formação disponibilizadas por profissionais, incluindo a Associação de Jovens Advogados da Geórgia. “Estamos determinados a fazer ouvir as vozes das PDI e a assegurar que será encontrado alojamento alternativo adequado para pessoas como eu” sublinha.



A aprendizagem é a melhor amiga de uma rapariga

Maha, de 16 anos de idade, vive na aldeia de Abusir, localizada perto de algumas das mais famosas pirâmides do Egipto. Embora sejam as férias de Verão, esta jovem motivada vai à escola três dias por semana.

A escola “amiga-das-raparigas” de Abusir disponibiliza apoio a raparigas locais que abandonaram o sistema de ensino primário oficial ou vivem demasiado longe de outras escolas. Esta é uma das principais bandeiras da Educação das Raparigas do Egipto que visa reduzir as disparidades entre homens e mulheres no ensino primário. A UE construiu e equipou 200 destas escolas no âmbito do programa Crianças em Risco.

“Costumava frequentar uma escola normal mas tive que a deixar”, recorda Maha. “Mas continuava a querer uma educação. Um dia, ao passar por esta escola, falei com os professores e eles ajudaram-me a convencer o meu pai a deixar-me inscrever”.

A arte da persuasão

Desde que a escola abriu em 2004, os seus funcionários têm participado activamente numa campanha para vencer a resistência dos habitantes locais. “No início, muitos pais tinham reservas por razões sociais e financeiras”, explica Iman Saber, a directora da escola. “Agora a escola é tão popular que temos uma lista de espera”.

A única turma da escola, com 36 raparigas, segue uma abordagem inovadora. “Não temos professores no sentido tradicional do termo, mas mediadores formados no ensino centrado no estudante para satisfazer determinadas necessidades específicas das raparigas”, salienta Saber.

A diferença de idades pode também constituir um desafio. “Incentivamos as raparigas a encararem-se como irmãs e amigas e a não dar importância à idade, mas sim ao facto de estarem ali para aprender”, acrescenta.

Maha, uma das mais velhas da turma, terá brevemente o seu diploma. “O meu sonho é ir para a universidade. Gostaria de ser uma professora porque gosto do que os meus professores fazem aqui”, diz entusiasticamente.



A médica Naira Aptsiauri acolhe pacientes em Kakheti.

A “boa” medicina

A médica Elza Togonidze estava muito satisfeita quando, em Dezembro de 2007, abriu o novo centro de cuidados primários da pequena aldeia de Eniseli em Kakheti (Geórgia) para servir mais de 4000 pessoas das zonas rurais vizinhas.

“Temos as instalações e todo o equipamento de que precisamos para tratar as necessidades primárias de saúde dos nossos pacientes – desde grávidas até diabéticos”, observa. “A população local está muito satisfeita. De facto, a reputação da clínica tem sido tão boa que mesmo as pessoas que não estão doentes aparecem para consultas”, ri-se.

O centro não tem nada a ver com o anterior, cujo edifício decrépito continua atrás do actual como uma lembrança pungente do estado doentio dos cuidados de saúde em muitas zonas do país.

Prescrever um sistema de saúde melhor

“Como parte deste projecto-piloto, o Ministério da Saúde desenvolveu um plano director completo para construção e reabilitação de instalações, formação e reciclagem de pessoal, sensibilização e promoção de cuidados de saúde entre as comunidades”, explica Giorgi Shavgulize, médico-chefe da clínica ambulatória de Kvareli.

O projecto-piloto financiou a construção ou a renovação de 52 unidades de saúde, apoiou a formação de 360 voluntários de promoção da saúde e a criação de 76 comités de saúde em aldeias. Além disso, um grupo de teatro itinerante tem circulado na região para promover a importância dos cuidados de saúde preventivos.

“Não ficaremos apenas pelos cuidados de saúde primários. Trata-se de uma campanha nacional para a construção de 100 hospitais de ponta, vários dos quais ficarão instalados em Kakheti”, afirma orgulhosamente Shavgulize.